

# Relações de gênero: vida pública e privada de professoras universitárias

**Maria Cecília Luiz**

**Resumo:** Este artigo pretende relatar a vida pública (profissional) e privada (doméstica) de dez docentes da UNESP (Universidade Estadual Paulista), no Brasil, que na época exerciam cargos administrativos, e identificar as relações de gênero por meio de suas vozes, nas últimas décadas do século XX. Foi desenvolvida uma investigação utilizando-se da fonte oral como metodologia. Ao averiguar as relações de gênero e poder na universidade, percebemos que existiram várias formas de discriminação e preconceito no trabalho profissional. As professoras, por participarem de dois espaços sociais dicotômicos (privado e público), sentiam-se culpadas de não acompanhar todos os momentos da vida de seus filhos e família. Penetrar na esfera pública foi um anseio vedado às mulheres, e no relato das participantes fica evidente que foram mulheres pioneiras, bem sucedidas profissionalmente.

**Palavras-chave:** Educação. Relação de Gênero. História de Professoras Universitárias. Fonte Oral.

**Abstract:** This article intends to tell the public life (professional) and private (domestic) of ten professors of UNESP (Universidade Estadual Paulista), in Brazil, that at the time exerted administrative positions, and to identify the gender relations by means of its voices, in the last few decades of century XX. Verbal source was developed an inquiry using itself as methodology. When inquiring the gender relations and power in the university, we perceive

*Maria Cecília Luiz.* Doutora em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras – FCLAr – UNESP de Araraquara. Professora adjunta do Departamento de Educação (DEd), da Universidade Federal de São Carlos/SP (UFSCar). E-mail: cecilialuiz@ufscar.br

Texto recebido: 12/05/2009. Texto aprovado: 13/05/2009.

that some forms of discrimination and preconception in the professional work had existed. For participating of two dichotomic social spaces (private and public), they were felt guilty for not following all the moments of the life of its children and family. To penetrate in the public sphere was a yearning forbidden to the women, and in the story of the participants she is evident that they had been pioneering women, successful professionally.

**Keywords:** Education. Gender Relation. History of University Teachers. Verbal Source.

A compreensão da identidade de gênero está atrelada a uma construção histórica, social e cultural. Investigações nesta área procuram desvendar as diferenças sexuais e as relações de poder que acentuam os conflitos na sociedade. Pensar nas relações de gênero não é só refletir sobre a situação da mulher e do homem, mas é buscar as diversas instâncias da sociedade que produzem e reproduzem as discriminações, os preconceitos, as relações de poder que se perpetuam nas vidas de sujeitos considerados diferentes.

Almeida<sup>1</sup> afirma que as representações de poder entre os gêneros, assim como os valores, significados, práticas, símbolos, alteram-se conforme religião, cultura, classes sociais, raças, momentos históricos, por isso nem sempre estas relações de poder acontecem iguais, ou na mesma intensidade, para todas as mulheres, indiscriminadamente. O gênero como uma construção cultural e histórica representa um avanço no conhecimento do modo de viver, pensar e sentir quase sempre diferente entre homens e mulheres.

A temática sobre a mulher constituiu-se num campo de estudos nas universidades brasileiras, a partir dos anos 60, e foi estimulada pelo movimento feminista que, desde essa década, tem designado um espaço de trabalho importante para a propagação desta área. Nos anos 80, a difusão dos estudos de gênero proporcionou a continuidade de novas linhas de pesquisa nesse domínio e tem embasado a interdisciplinaridade científica. Apesar do progresso, quanto a uma relação mais igualitária entre os

<sup>1</sup> ALMEIDA, Jane Soares de. Gênero e educação: algumas possibilidades investigativas. *Cenários* – Revista do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Cultura e Desenvolvimento/GEICD. Araraquara: Gráfica da FCL/UNESP/Ar, 1999.

sexos, ainda são muitos os preconceitos e delimitadores nos espaços considerados masculinos e femininos, auxiliados, entre outros, por uma lógica racionalista que, ao utilizar a idéia de neutralidade, ignora o indivíduo e elimina a alteridade e a pluralidade.

A modernidade dividiu os indivíduos entre a razão e o sentimento, abrangendo neste último a emoção, a paixão, enfim tudo que não podemos controlar ou pressupor. Com essa representação faz comparações entre ambos os sexos, identificando-os, como se isto fosse parte de suas naturezas. Para o homem designou-se a razão, com perspectivas de universalidade e para a mulher a emoção, com tendências a serem imprevisíveis e não confiáveis. Esta divisão aconteceu tanto no campo individual (vida privada) quanto no social (vida pública), na medida em que estas características construídas socialmente permeiam as relações de gênero.

Para Passos<sup>2</sup>, o legado da teoria racionalista ajudou a reiterar nos homens a idéia de superioridade ao sexo feminino. A modernidade não estabeleceu a coerência da neutralidade, mas conseguiu separar os indivíduos, classificando-os e padronizando-os. Generalizações são sempre precárias porque as sociedades são heterogêneas, contudo a condição de gênero é decisiva na formação de relações sociais hierárquicas. Scott<sup>3</sup> observa que:

O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder.<sup>4</sup>

Segundo a autora, com relação às diferenças, o gênero é entendido em quatro elementos: os símbolos disponíveis, os conceitos normativos, a definição de comportamentos naturais e a identidade subjetiva. Os símbolos disponíveis são aqueles que pertencem à tradição cristã ocidental, como, por exemplo, Eva e Maria, representando a figura feminina ora como “pecadora”, ora como “santa”. Os conceitos

<sup>2</sup> PASSOS, Elizete Silva. As políticas e os saberes: a construção do gênero nas universidades do Norte e Nordeste e as repercussões no campo social e político. In: FERREIRA, Mary; ÁLVARES, Maria Luiza M.; SANTOS, Eunice Ferreira dos (Org.). *Os saberes e os poderes das mulheres: a construção do gênero*. São Luís: EDUFMA/Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas: Mulher, Cidadania e Relações de Gênero; Salvador: REDOR, 2001.

<sup>3</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: v.16, n. 2, 1990.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 14.

normativos enfatizam as interpretações destes:

Estes conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária, que afirma de maneira categórica e sem equívocos o sentido do masculino e do feminino. [...] a posição que emerge como posição dominante é, contudo, declarada a única possível.<sup>5</sup>

Os normativos, como a própria palavra indica, são descritos como conseqüência de um consenso social, mas o que ocorre, na verdade, é resultado de conflitos. Assim, se determina comportamentos para homens e mulheres do tipo “homem não chora”, ou “mulher é frágil”. O terceiro aspecto da definição de gênero é entender a sua representação binária. Para tanto, as noções de política e das instituições sociais induzem a austeridade dos conceitos: [...] ele [o gênero] é construído igualmente na economia e na organização política [...].<sup>6</sup> Com relação ao conceito de identidade subjetiva, Scott insere a dimensão histórica:

Os historiadores devem antes de tudo examinar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente situadas.<sup>7</sup>

Nas últimas décadas do século XX, novas polémicas enriquecem a discussão dessas relações. As correntes teóricas do pós-estruturalismo e do pós-modernismo questionam o modelo sociológico de gênero e, concomitantemente, reafirmam a diferença sexual como um fenômeno psíquico e cultural que não pode ser deixado de lado. A posição do sexo feminino nas diferentes culturas não possibilita um padrão de conhecimento auto-aplicável às diversas etnias, classes sociais, posição social etc. As análises são voltadas para considerar as complexidades cada vez maiores na organização social, nas quais as diferenças culturais e antropológicas são tendências do pensamento pós-moderno como o pluralismo

<sup>5</sup> *Ibidem*, p.14-15.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p.15.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p.15.

cultural e a diversidade.

Durante muito tempo o Brasil teve a experiência de um feminismo que se opunha a analisar as condições femininas e a sociedade, e a questão da mulher era encarada como questão específica, não abarcando as questões gerais da sociedade. O feminismo, por muito tempo, manteve-se em um reduto de preocupações e de apontamentos apenas sobre mulheres e suas concepções. As experiências e os processos de mudanças nos ensinam que os estudos sobre mulheres viabilizam a construção de um feminismo que vai além da experiência do feminismo dos anos 70. No caso das pesquisas no Brasil, os núcleos e as pesquisas podem elevar o nível de abstração com relação à prática feminista, contribuindo para um conhecimento que abranja toda a sociedade da qual participam mulheres e homens.

Este artigo tem como objetivo relatar a vida pública (profissional) e privada (doméstica) de dez docentes da UNESP (Universidade Estadual Paulista), no Brasil, que na época exerciam cargos administrativos, e identificar as relações de gêneros por meio de suas vozes, nas últimas décadas do século XX. Apresentado-as como modelos de papéis femininos que podem ser seguidos na vida acadêmica. Considera-se que a publicação de suas histórias e seus feitos, são conquistas femininas, sendo que estudos de mulheres professoras ou em cargos administrativos no ensino superior, ainda são poucos. Para tanto, foi desenvolvida uma investigação com referencial teórica de gênero, que possibilitou analisar as memórias de dez docentes do Ensino Superior do sexo feminino. Utilizamos a fonte oral como metodologia, para que estas professoras relatassem de si, suas lembranças, imagens, escolhas profissionais e sua trajetória de formação. Articulamos suas memórias e identificamos como o individual e o social estão interligados, como as pessoas lidam com as situações da estrutura social mais ampla que estão presentes em seu cotidiano, transformando-o em espaço de imaginação, de luta, de acatamento, de resistência, de resignação e criação.

O critério de escolha das dez professoras se deu devido a representação das dez áreas do conheci-

mento da UNESP, decretadas pela portaria 141 de 16/04/2001, que são: Ciências Agrárias; Ciências Veterinárias e Zootecnia; Engenharia, Arquitetura e desenho Industrial; Ciências Biológicas; Ciências da Saúde; Ciências Exatas; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Humanas; Lingüística e Letras; e Ciências da Terra. Por meio das diferentes áreas do conhecimento, reconstruímos a memória de mulheres que viveram e lecionaram como professoras em espaços diversos.

Buscamos investigar como as mulheres foram valorizadas ou como resistiram em suas carreiras, tanto em ambientes femininos como masculinos. Podemos vislumbrar como as desigualdades entre homens e mulheres ainda não foram erradicadas, e como não percebemos os fatos que ocorrem a nossa volta, deixando de lado as formas mais complexas e distintas relacionadas ao gênero<sup>8</sup>. O gênero é compreendido como uma construção social, histórica e cultural elaborada sobre as diferenças sexuais e as relações de poder que revelam os conflitos e as contradições que marcam uma sociedade em que a ênfase é estabelecida pela desigualdade, seja de classe, gênero, raça ou etnia.

### **As professoras universitárias e seus perfis**

Foram selecionadas professoras doutoras, livres-docentes e/ou titulares da UNESP, do sexo feminino que, de preferência, estivessem em cargos administrativos ou de chefia. Destacamos algumas características comuns destas professoras, como: a idade média de 53 anos; todas estavam casadas (duas já haviam se divorciado, mas no momento, estavam novamente casadas); eram provenientes de classe média (pode-se dizer que algumas de classe média alta e outras de classe média baixa), nascidas no interior paulista. Todas viveram na mesma época, e relatam terem vivido uma infância excelente. A maioria tinha ascendência européia, com uma criação voltada para a valorização dos estudos, por isso tinham o objetivo de cursar o Ensino Superior já no ensino médio. Caracterizavam-se por serem sempre boas alunas, e estudavam em escolas públicas por

<sup>8</sup> ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

acreditarem que, na época, eram as melhores. Muitas pertenciam a uma religião e se utilizavam, muitas vezes, da fé, para enfrentarem seus caminhos. Entre elas, algumas exerceram uma ocupação no mercado de trabalho, antes ou durante o curso superior, devido a dificuldades financeiras. A influência familiar foi algo marcante, principalmente, o apoio das suas mães. Todas queriam continuar os estudos e almejavam uma carreira profissional. A procura pelo Ensino Superior foi um fato que aconteceu, de forma geral, com as mulheres brasileiras, na época, e pode ser evidenciado nas pesquisas de Rosemberg<sup>9</sup>. Segundo a autora, este aumento das mulheres na escolaridade foi significativo a partir da década de 70 (principalmente no ensino superior), em todas as regiões brasileiras. Ao evidenciar as suas carreiras profissionais, percebemos que elas tiveram diversas opções para a escolha de profissão, mesmo porque eram profissionais de diferentes áreas do conhecimento.

### **Relações de gênero: carreiras femininas e masculinas**

Ao utilizarmos o gênero como categoria de análise, buscamos afastar posições estáticas e dicotômicas funcionalmente estabelecidas. A perspectiva é de problematizar situações em que homens e mulheres vivenciaram experiências diferenciadas. O feminino e o masculino estão presentes, quaisquer que sejam os papéis ocupados e os modos de produção considerados<sup>10</sup>. Resta apreender a qualidade da presença feminina e masculina nesses espaços inter-relacionados. Quando definimos papéis sexuais como um conjunto de normas referentes a costumes, importâncias, reações emocionais e comportamentos que são destinados a cada sexo em um momento histórico, por meio da cultura, perpetuamos estes em função do contexto social<sup>11</sup>.

Rozek e Bernardes<sup>12</sup>, acreditam que o gênero pode ser visto por três aspectos: papel social, atribuição e identidade. Para as autoras, quando um bebê nasce, de acordo com as características sexuais recebe uma atribuição de gênero: ou homem, ou mulher. Quando este bebê se tornar adulto terá uma

<sup>9</sup> ROSEMBERG, Fulvia; PINTO, Regina Pahin; NEGRÃO, Esmeralda V. *A educação da mulher no Brasil*. São Paulo: Global, 1982.

<sup>10</sup> COMBRES, Daniele, HAICAULT, Monique. Produção e reprodução. Relações sociais de sexos e de classes e de classes. In: KARTCHEVSKY-BULPORT et al. (Org.). *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>11</sup> GRACIANO, Marília. Aquisição de papéis sexuais na infância. *Cadernos de Pesquisa*, n. 25, jun.1978.

<sup>12</sup> ROZEK, M.; BERNARDES, N. M. G. Meninos com dificuldades escolares: aprendizagem, subjetividade e gênero. *Revista Educação*, Porto Alegre, n.39, p.107-134, set. 1999.

identidade que construiu com a percepção do gênero a que pertence e isso pode se dar de forma consciente ou não. Quando estiver vivenciando as expectativas sociais e culturais (nas quais os comportamentos são socialmente estabelecidos para o masculino e feminino), receberá um papel de gênero. Os papéis masculinos e femininos sempre foram bem determinados e distintos. Para Graciano<sup>13</sup>:

[...] apesar das evidências científicas demonstrando que as características psicológicas e comportamentais do homem e da mulher em nossa cultura são sociais e não biologicamente definidas, na vida cotidiana ainda não foi abandonada a conotação de natural que é dada a essas diferenças.

Ao ouvirmos a professora das Engenharias (a única mulher em seu departamento), percebemos o convívio de trabalho que tem com seus colegas professores:

Quando eu entro na sala e só há homens, eles são de um jeito. Mas se naquela sala há mulheres, eles são de outro jeito. Porque eles se equilibram socialmente falando. Quando só há uma mulher na sala, eles esquecem que ela é mulher. E a coisa rola como se fosse tudo homem e, às vezes, isso acontece comigo também, dentro do departamento. Rola como se eu fosse um homem para eles e eu, também, esqueço que sou mulher.

Professora das Engenharias

O relacionamento que a professora mantinha, em seu imaginário, estava relacionado a comportamentos esperados de homens e mulheres. Quando se encontrava em um ambiente totalmente masculino, se esquecia não de ser mulher, mas dos comportamentos femininos esperados pela sociedade. Graciano<sup>14</sup> afirma que é raro um sujeito ter amadurecimento e até ter nitidez suficiente para assumir comportamentos e atitudes que não aqueles que já são esperados. Geralmente, ele reage conforme o papel que lhe foi atribuído. O relato destas mulheres nos mostra que existem problemas quanto ao convívio, principalmente, em um ambiente caracterizado por ser

<sup>13</sup> GRACIANO, Marília. *Op. cit.* p.32.

<sup>14</sup> *Ibidem.*

totalmente masculino. Estes homens (em geral) não demonstraram habilidades para lidar com a presença destas mulheres e a figura feminina foi encarada como “alguém diferente”. No caso, ou não era considerada a presença do feminino, como foi com a professora das Ciências das Engenharias, ou não conversavam e simplesmente ignoravam a pessoa, como foi com a professora das Ciências Exatas. A sociedade cria expectativas com relação a comportamentos e atitudes de ambos os sexos, e relaciona o comportamento masculino como aquele que deve ser agressivo e corajoso, como algo “natural” ao homem. Já para o comportamento feminino, espera-se a realização das tarefas domésticas com freqüentes reações emocionais como demonstrar insegurança. Espera-se da mulher, atitudes como receptividade e subordinação à agressão e domínio masculino.

A professora das Ciências Veterinárias nos relatou problemas de relacionamento com um professor, do seu departamento, que a convidou para trabalhar:

Houve um professor que me convidou para vir para cá [refere-se à UNESP], foi meu colega de turma, e esse foi um dos muitos problemas. Apesar de me convidar, eu acho que ele era um pouco machista, não tolerava uma mulher líder como eu. Talvez ele queria comandar o departamento e, me fez o convite pensando que seria mais fácil dominar uma mulher, controlá-la, subjugar-la, ou alguma coisa nesse sentido. Se fosse um outro homem, talvez fosse mais de igual para igual. E aí, eu o enfrentei. Eu paguei um preço muito caro, por alguns anos.

Professora das Ciências Veterinárias.

Quando achamos que certas características são naturais (na vida cotidiana) para homens e mulheres, tendemos a compará-las ao sadio e certo. A submissão da mulher, por exemplo, já foi comprovada que não faz parte da sua essência biológica.

A freqüência de um comportamento é independente do seu aspecto moral (certo ou errado), embora exista a tendência de se confundir normal (freqüente) com

moralmente certo, e anormal (raro) com moralmente errado.<sup>15</sup>

A sociedade tem perspectivas diferentes para ambos os sexos: para o homem é permitida a realização por meio do trabalho fora de casa e para a mulher cabe, em primeiro lugar, a responsabilidade da família e da criação dos filhos. Para Riera & Valenciano<sup>16</sup>, os homens não estão dispostos a considerar o trabalho de suas esposas tão importante quanto os seus e, por outro lado, as mulheres tornam-se, muitas vezes, passivas e resignadas, aceitando a divisão de funções, porque pode ser, a princípio, mais cômodo.

Segundo Riera & Valenciano<sup>17</sup>, não é raro encontrarmos afirmações que as mulheres rendem menos no trabalho, e não são motivadas para exercer cargos de responsabilidade. Assim, criam-se estereótipos de que os cargos melhor remunerados ou de comando não devem ser atribuídos às mulheres porque estas já têm a responsabilidade da esfera privada, ou, também, por causa da sua “suposta fragilidade”.

É importante entendermos como se processa a socialização dos papéis sexuais, para atuarmos no sentido de criar pessoas mais livres e capazes de superar os estereótipos. Por ser um assunto polêmico, sabemos que estas diferenças entre homens e mulheres não são imutáveis e que a evolução do papel sexual feminino, nas últimas décadas, indicam que as funções são atribuídas conforme padrões éticos vigentes em diferentes épocas. No Brasil, estas variações podem acontecer segundo alguns subgrupos de uma cultura, como é o caso dos papéis acentuado e configurado por diferentes classes sociais ou grupos regionais brasileiros.

Para Matthaei<sup>18</sup>, a sociedade propicia as diferenças sexuais naturais, para uma divisão sexual do trabalho, e a constituição biológica é vista como algo que delimita a vida social. A autora nos alerta que certos limites não devem determinar condutas sociais, por isso as diferenças sexuais não devem ser vistas como falta de competência. Por exemplo, a mulher não é incapaz de realizar trabalho de homem

<sup>15</sup> *Ibidem*, p.33.

<sup>16</sup> RIERA, Joseph Maria; VALENCIANO, Elena. *Las mujeres de los 90. El largo trayecto de las jóvenes hacia sua emancipación*. Madrid: Morata, 1991.

<sup>17</sup> *Idem*.

<sup>18</sup> MATTHAEI, Julie. *An economic history of women in America*. Nova Iorque: Schocken, 1993.

(se excluirmos a gestação de bebês) ou vice-versa. Conforme, Strey<sup>19</sup>:

[...] ser homens ou ser mulher, são primeiramente concepções em que ambos os sexos se apóiam para realizar suas ações. A diferenciação social dos sexos inclui o desenvolvimento de estruturas psíquicas distintas e diferentes, que tornam deveras difícil realizar as tarefas do outro sexo. A diferenciação social dos sexos é tão grande que virtualmente constrói mundos diferentes para homens e mulheres.

Estas diferenças aparecem na vida cotidiana destas mulheres:

Pesa nas oportunidades, porque você não tem a mesma disponibilidade de tempo ou, se você consegue vencer esse obstáculo do tempo, de equacionar o tempo. Há o acúmulo de atividades, a sobrecarga é inevitável. Isso é um fato.

Professora das Ciências Exatas.

Vidas pública e privada andaram juntas. Ocorreram falhas, e o que é que eu posso fazer? Falhou alguma coisa aqui, falhou alguma coisa lá. Mas, se houve, não foi intencionalmente, é porque eu não dei conta mesmo. Porque, há dias em que eu trabalho quatorze horas. Então, é complicado.

Professora das Ciências Veterinárias.

Por abarcarem a responsabilidade da vida pública e da privada se sentem menos capazes em seus trabalhos e julgam que a falta de rendimento, em suas atividades, tem causas relacionadas a fatores biológicos:

Eu acho que, de modo geral, os homens têm ou, por uma questão biológica, ou de formação, capacidade de ser mais práticos do que nós, mulheres. Eles são mais práticos porque eles tomam decisões mais rápidas. Talvez, eles não se envolvam emocionalmente sempre. Tanto é isso que, às vezes, eles conseguem um rendimento melhor, em termos de número de horas trabalhadas, para executar as mesmas tarefas. Não que as

<sup>19</sup> STREY, Marlene Neves. Mulher e trabalho. In: STREY, M. N.; Adriane Rosso; Flora Bojunga Mattos; Graziela Werba (Org.). *Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.46.

mulheres não sejam capazes de fazer as mesmas coisas. Mas, às vezes, elas levam mais tempo, por não ter a questão da praticidade tão acentuada.

Professora das Ciências Exatas.

Desta forma, a sociedade realiza mecanismos de produção e reprodução de discriminação, e efetuam-se as desigualdades entre gênero e outras mais, como as que estão relacionadas com idade, classes sociais, raças e opções sexuais alternativas etc. Esses dispositivos de discriminação encontram “terreno fértil” em todas as áreas da vida social pública e privada. Podemos percebê-los nas diversas instâncias sociais, como: na escolha da profissão, na progressão do trabalho, no relacionamento entre cônjuges, na descendência familiar, no estilo de vida, nas diferenças entre classes sociais, nas opções sexuais, na mídia e nos meios de comunicação e até no meio acadêmico<sup>20</sup>. Com o relato da Professora das Ciências Exatas, percebemos a tendência do mercado de trabalho em promover perfis:

As indústrias já empregam mulheres, mas, dependendo do setor, ainda existe a questão de gênero. Hoje já não se fala em discriminação, hoje chamam de perfil. A mulher não tem o perfil para entrar como químico de produção. Este químico precisa ir à fábrica e mexer nos reatores, tem de estar preparado, até ter força física, às vezes, para interferir em uns determinados processos. Então, eles pensam: - Se for uma mulher, como fica a relação com os operários? Alguns setores da indústria ainda não aceitam mulheres, até hoje, por conta deste fato.

Professora das Ciências Exatas.

A compreensão da identidade de gênero está atrelada a uma construção histórica, social e cultural. Investigações nesta área procuram desvendar as diferenças sexuais e às relações de poder que acentuam os conflitos na sociedade. Assim, outras formas conflitantes acontecem, na sociedade, e algumas professoras, em suas narrativas, desabafaram quanto a outros tipos de discriminação na universidade:

<sup>20</sup>ALMEIDA, Jane Soares de. *Op. cit.* p.45.

Eu creio que tive, no passado, mais discriminação por ser evangélica do que por ser mulher. Como mulher, todos me respeitavam. Eu cheguei como doutora, alguns colegas não eram doutores ainda, muitos não eram. Aqui na faculdade, na minha área, eu sou a única até hoje.

Professora das Ciências Biológicas.

Os obstáculos para conseguir emprego na universidade creio que não foram por ser mulher, mas por já ter o título de doutora. Os departamentos existentes, na época, dificilmente tinham mestres ou doutores e, como estavam para sair os quadros de cargos, acrescentando que somente os mais titulados ocupavam vários cargos de chefia e direção, estes foram os fatos que mais contribuíram para que eu não fosse contratada de imediato.

Professora das Ciências da Terra.

Almeida<sup>21</sup> afirma que as representações de poder entre os gêneros, assim como os valores, significados, práticas, símbolos, alteram-se conforme religião, cultura, classes sociais, raças, momentos históricos, por isso nem sempre estas relações de poder acontecem iguais, ou na mesma intensidade, para todas as mulheres, indiscriminadamente (p.45). As análises são voltadas para considerar as complexidades cada vez maiores na organização social, nas quais as diferenças culturais e antropológicas são consideradas tendências do pensamento pós-moderno que evidenciam o pluralismo cultural e a diversidade.

### **Os espaços femininos conquistados na universidade**

Os lugares sociais e culturalmente construídos para homens e mulheres, nos remetem as relações de gênero e poder. Reportamo-nos a Scott<sup>22</sup>:

[...] o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder, ou melhor, é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter constituído um meio persistente e recorrente de dar eficácia

<sup>21</sup> *Ibidem*, 1999.

<sup>22</sup> SCOTT, Joan. *Op. cit.*, p. 16.

à significação do poder no Ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas.

Este poder que permeia toda a sociedade, atuando nas esferas macro e micro, pode ser redimensionado por meio do olhar transversal propiciado pela categoria gênero. Estas mulheres vivenciaram relações de gênero e poder, na universidade (local em que elas exerceram suas vidas públicas). Em seus relatos aquelas que cursaram carreiras apontadas como masculinas, sofreram discriminações antes de serem docentes da instituição, quando ainda eram alunas (na graduação). Segundo Toscano<sup>23</sup>, uma pessoa discriminada sente-se subordinadas:

As mulheres da minha geração não achavam espaço profissional para crescerem, porque a sociedade impedia. Mesmo tendo coisas que favoreciam a minha carreira, eu fui crescer profissionalmente, agora, a partir de uns vinte anos.

Professora das Ciências Agrárias.

As relações de gênero se reproduziram, minando, muitas vezes, a oportunidade de igualdade entre ambos os sexos quanto ao sucesso profissional:

As opiniões dos professores variavam: – Tudo bem, como você é boa aluna, não tem saída. No ambiente masculino eu tinha de me impor. Os meninos apertavam a gente. Eu tinha de mostrar que era boa na área, que não estava procurando namorado, marido. Isso marcou minha vida profissional inteirinha!

Professora das Ciências Agrárias.

Esta situação nos faz refletir sobre as formas como as instituições e os mecanismos de controle da sociedade, como família, escola, religião, estado, mercado de trabalho, realizam a reprodução social. Segundo Bourdieu<sup>24</sup>, o conceito de *habitus*, refere-se aos esquemas incorporados pelos indivíduos desde a infância, e como as disposições são implantadas em esquemas sutis que se espalham e se objetivam, procurando impor nas mentes e nos corpos de homens e mulheres, as relações de domina-

<sup>23</sup> TOSCANO, M. *Esterótipos sexuais na educação: um manual para o educador*. Petrópolis, (RJ): Vozes, 2000.

<sup>24</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ção da forma como são cultural e historicamente construídas, determinam a história e, portanto, naturalizam estas relações. O *habitus*:

[...] seria um conjunto de esquemas implantados desde a primeira educação familiar, e constantemente repostos e reatualizados ao longo da trajetória social restante, que demarcam os limites à consciência possível de ser mobilizada pelos grupos e/ou classes, sendo assim responsáveis, em última instância, pelo campo de sentidos em que operam as relações de força.<sup>25</sup>

As relações de gênero, na universidade, foram relatadas de diversas formas, e a falta de percepção das professoras, as impediam de enxergar estas no cotidiano da vida pública.

A discriminação negativa é aquela que sentimos em determinadas situações em que as pessoas apresentam dúvida na sua capacidade de resistir à pressão. Você vê aí a discriminação negativa, num caso de disputa entre um homem e uma mulher. De haver situações em que eu percebi que as pessoas estavam votando no homem. Não no fulano ou no beltrano, estavam votando no homem, porque ele pode agüentar mais a pressão num processo de luta.

Professora das Ciências Exatas.

Procurando compreender estes mecanismos, Bourdieu<sup>26</sup> analisa as construções dicotomizadas da linguagem que se referem ao universo simbólico do feminino e do masculino e sobre a qual este efeito é legitimado, configurado pelos modelos que as pessoas experimentam no mundo. A lei social está, por meio dos mecanismos de reprodução, tão profundamente ancorada nas formas de experimentar o mundo (através das inclinações e aptidões) que se torna ilusória a crença em uma possibilidade de romper com estes pressupostos de forma simplista por meio de uma tomada de consciência ou de vontade. Quando indagamos sobre a participação feminina nos espaços da universidade, a professora das Ciências Exatas discorreu:

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. XLII.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

Na universidade, eu acho que, se nós observarmos os

números, quer dizer, em todas as instâncias da universidade predominam os homens, sobretudo nos colegiados, nos departamentos. Mesmo que, às vezes, num determinado departamento, haja maior número de mulheres, na hora de escolher o chefe, é o homem que vai.

Professora das Ciências Exatas.

O homem representa o poder de comando nas universidades, este é o referencial que todos tiveram no mundo social. Para Perrot<sup>27</sup>:

Talvez com uma intensidade particular, na medida em que a construção das democracias ocidentais vem acompanhadas, e mesmo apoiadas, numa definição mais estrita do público e do privado e dos papéis sexuais. Seria interessante comparar essa experiência a outras. Há o caso em que exclusão das mulheres do poder público ocorre pura e simplesmente; há outros em que essa exclusão vem acompanhada por justificativas ou compensações, e outros ainda onde ela se dá em graus variados. Seria preciso examinar e comparar teorias e práticas. As mulheres e a política: e há ainda um vasto campo de reflexão para nossos esforços conjuntos.

De acordo com Perrot, as relações das mulheres com o poder aparecem, a princípio, no jogo das palavras. Poder, no singular, abrange uma conotação política e denomina a figura central do Estado que, naturalmente, refere-se à figura masculina. No plural, o poder equivale a “influências” que contornam as decisões e são mais trabalhosas. Estes “poderes”, no plural, parecem ser o destino das mulheres que disputaram altos cargos administrativos na universidade, como o de “reitora”. Elas participam das decisões mais dos bastidores. Como vemos:

Isso a gente acompanha, quantas foram as mulheres reitoras no Brasil? São pouquíssimas. Acho que não dá pra preencher os dedos de uma mão. Mulheres que chegaram à reitoria. Acho que reitoras, uma ou duas, no Brasil inteiro. Então, não é um problema estatístico, de representação, é um problema realmente de oportunidade.

Professora das Ciências Exatas.

<sup>27</sup> PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.173.

Mesmo na carreira universitária, quantas mulheres são docentes? Quantas chegam a pró-reitora, vice-reitora ou reitora? Presenciei muitas atitudes machistas contra idéias ou propostas das pouquíssimas mulheres que ocuparam alguns desses cargos na UNESP.

Professora das Ciências da Terra.

As mulheres podem ser quase a maioria (em termos de quantidade), nas universidades, mas nem por isso alcançam, facilmente, altos cargos administrativos. Se nos reportarmos à feminização do magistério, no Brasil, no começo do século XX, encontramos a mesma situação com relação às mulheres docentes. Em quantidade elas representavam a maioria, tanto na educação infantil quanto nas primeiras séries do ensino fundamental, mas esta maioria não exercia cargos administrativos como o de diretor de escola ou de supervisor de ensino, porque estes eram destinados aos homens.

Há décadas, a inserção da mulher vem aumentando no mundo do trabalho, e assim também, como vem aumentando os espaços antes ocupados apenas por homens – isso se deve, inclusive, pelas modificações na economia –, mas esta situação ainda não foi totalmente alterada, devido ao grau de segregação ocupacional ao qual as mulheres estiveram, historicamente, submetidas. Com relação às oportunidades de desenvolver pesquisas na universidade, a professora das Ciências Exatas nos descreveu suas experiências:

Uma vez, nós fizemos um projeto e solicitamos equipamentos modulares que exigiam, realmente, um conhecimento técnico em termos de óptica e eletrônica. Aí tivemos o projeto negado, justamente dizendo que envolvia sistemas modulares e que nós não teríamos capacidade para operá-los. Não escreveu que era pelo fato de sermos mulheres, mas a gente sabia dos comentários de que o departamento era composto somente por mulheres. Então isso é preconceito, mas não ficou evidente, porque ninguém escreve isso em um parecer, a constituição não permite. Ninguém vai dizer que quem estava pedindo eram mulheres e, por isso, foi negado.

Professora das Ciências Exatas.

Por meio da visão desta professora, entendermos que seu departamento, por ser “feminino demais”, foi discriminado. As professoras foram apontadas como profissionais não competentes e sem habilidades, apenas por serem mulheres. Para Passos<sup>28</sup>, a sociedade divulga a idéia do conhecimento ser uma prática masculina, o que faz, muitas vezes, a pesquisa sobre gênero ter uma posição inferior, devido à falta de neutralidade científica. Obviamente, o compromisso com esta neutralidade promove a manutenção da estrutura de poder como está.

Quanto aos cargos de poder na universidade, apenas duas professoras entrevistadas conseguiram se candidatar e ganhar a eleição para serem diretoras de uma Instituição da UNESP, as professoras das Ciências Exatas e da Saúde. As demais professoras participantes cumpriram, ou ainda cumprem o mandato de chefes de departamentos. Para estas professoras, a vida como docentes, ou como chefes, ou diretoras nos pareceu ter um grande significado. Ao entrevistarmos estas duas mulheres diretoras, percebemos que suas histórias profissionais representaram uma vitória conquistada. No relato da professora das Ciências Exatas, quando foi escolhida para ser candidata ao cargo:

Ela me procurou e falou: – Eu sei que você foi convidada para ser diretora. E o compromisso? E o seu compromisso com as mulheres do Instituto? Você tem de pensar nas mulheres do Instituto, o quanto nós sofremos para construir aquilo e nenhuma de nós chegou, conseguiu chegar à direção. Você tem mais do que competência para isso. Como aquilo teve um peso grande para mim.

Professoras das Ciências Exatas.

O relato da professora das Ciências da Saúde foi diferente:

Há seis anos eu fui convidada para fazer parte da chapa de supervisora do Hospital das Clínicas. Fiquei dois anos e meio na vice-supervisão, aí eu tinha problemas com relação a questões de homem e mulher. Eu achava o supervisor muito machista, mas de repente, ele

<sup>28</sup> PASSOS, Elizete Silva.  
*Op. cit.*

morreu e, em três dias, eu era supervisora do hospital. Depois iria acabar o mandato para a diretoria e o pessoal dizia que eu era a candidata natural.

Professora das Ciências da Saúde.

Em seus depoimentos existe um sentimento de conquista com relação aos cargos assumidos, sempre com um “sabor triunfante” de vitória:

Não é pela questão financeira, nunca, nem acho que pela questão do poder. É a questão de gênero, mesmo, porque aí, de novo, aconteceu a mesma coisa. Você é a primeira mulher, no campus, a coisa amplia o universo. Eu tinha toda a condição de exercer a diretoria, me sentia completamente à vontade.

Professora das Ciências Exatas.

Eu sempre lutei muito por isso, então pode ser que muito do meu crescimento profissional tenha decorrido de uma pressão minha de me superar e mostrar que eu era melhor do que os homens. Eu tive necessidade disso, sim, isto eu tenho claro comigo.

Professora das Ciências da Saúde.

Apple<sup>29</sup>, em suas pesquisas com professoras, revela que muitas delas se sentiam desconfortáveis em seus papéis como administradoras. Neste caso, a resistência à racionalização e a perda de formas historicamente construídas como a de auto-controle do próprio trabalho tem efeitos muito contraditórios, um resultado das divisões sexuais na sociedade. Para Avelar<sup>30</sup>, a explicação da exclusão sistemática das mulheres nos quadros de autoridade e poder relaciona-se com aspectos institucionais, além da questão das suas atitudes (a socialização diferente, para ambos os sexos, que não capacita as mulheres para competir) e da estrutura social (a divisão sexual no trabalho, na família, que incluiu a mulher nas esferas privadas).

Os aspectos institucionais relacionam-se às particularidades do sistema político: seus sistemas corporativos de entrada selecionam as posições de autoridade, suas maneiras de definir poder, permitindo apenas a alguns indivíduos e grupos já legiti-

<sup>29</sup> APPLE, Michael W. Relações de classe e de gênero e modificações no processo do trabalho docente. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, 60, fev. 1987.

<sup>30</sup> AVELAR, Lúcia. Participação política da mulher: o conservadorismo político feminino. In: OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de (Org.). *Mulheres: da domesticidade à cidadania*. Brasília: Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, 1987.

mados a apropriação destas representações e suas formas de reprodução do sexismo. As professoras que se elegeram, tiveram oportunidades anteriores, como: cargos de vice-diretora, ou supervisora de um hospital. O que possibilitou a elas um impulso para novos cargos. Segundo Avelar<sup>31</sup>, quanto mais as mulheres se apropriarem de espaços de comando, maior serão suas chances de participar em cargos administrativos com poder.

A idéia de que a mulher já galgou todas as instâncias de trabalho e de poder, na sociedade, não nos pareceu algo assim tão simples. Scavone<sup>32</sup>, em um Jornal da UNESP de Araraquara, chamado Painel, escreveu sobre estas questões nos alertando:

Constatamos hoje nas Universidades brasileiras: pouquíssima participação das mulheres em altos cargos da administração universitária; maior visibilidade da produção dos cientistas que das cientistas; desprestígio das carreiras mais feminizadas; permanência de preconceitos e estereótipos entre os pares. É possível dizer, que a conquista do espaço público para as mulheres ainda fica comprometida pelo compromisso das mulheres com o espaço privado – cuja responsabilidade cotidiana deveria ser dividida igualmente com os homens, inclusive com apoio de legislações – e também, pela subjetivação das estruturas de dominação vigentes.

Ao ouvirmos os relatos das demais professoras participantes, percebemos que estas características também estiveram presentes em seus mandatos nos departamentos:

Quando fui chefe do departamento de Ecologia, ali havia oito docentes homens. Eu tive sérios problemas e, no momento, não entendi suas razões. Quando larguei o cargo, um deles me disse claramente que as oposições que recebi foram exclusivamente machistas. Não aceitavam uma mulher como chefe.

Professora das Ciências da Terra.

### **Algumas considerações**

Há que se ressaltar que este estudo teve natureza

<sup>31</sup> *Ibidem*.

<sup>32</sup> SCAVONE, Lucila. Painel. *Jornal da Faculdade de Ciências e Letras*, UNESP de Araraquara, mar., 2003, p.5.

preliminar, dada a sua complexidade, representando uma investigação exploratória acerca da temática das mulheres no meio universitário, pois também seria importante analisar a postura masculina e, mais do que isso, estudar os dados que surgem nas entrelinhas, os vestígios e as representações calcados na identidade de gênero. Na perspectiva do gênero, não se pode estudar o feminino sem sua interface com o masculino e a suprema importância dos espaços que se estabelecem entre os dois sexos e que edificam as relações de poder.

A noção de resistência torna-se fundamental nas abordagens sobre as mulheres no que, mais uma vez, cabe lembrar a importância de trazer à tona as formas de resistência que assumem os dominados, com vistas a reagir à opressão que sobre eles incide<sup>33</sup>.

Penetrar na esfera pública foi um anseio vedado às mulheres, por muito tempo, e estas puderam garantir sua transcendência. O espaço público não foi construído apenas por uma geração de mulheres, mas conquistado e planejado por mulheres de gerações anteriores e tem conduzido a possibilidade de gerações futuras<sup>34</sup>.

Ao verificarmos os relatos das professoras, encontramos diferentes significados do que representa as relações de gênero para cada uma. Quando elas demonstraram estar vivenciando tais relações na universidade, na verdade, estavam evidenciando impasses entre homens e mulheres. As relações de gênero são muito mais complexas, muito mais sutis, como declarou a Professora das Ciências Exatas que percebeu, por exemplo, que não temos mulheres ocupando cargos nas altas esferas administrativas das universidades, como nas reitorias. A visão de algumas professoras, em relação ao gênero, também nos permite inferir que falta uma reflexão sobre o tema mais aprofundada, isso ocorre devido a vivermos em uma sociedade que, o tempo todo, lida com posicionamentos opostos, como: homens/mulheres; ricos/pobres; negros/brancos; católico/protestante e, nem sempre, se dão conta disso.

A geração dessas professoras viveu um conflito constante entre valores tradicionais e modernos e isto refletiu, em suas vidas, de diferentes formas, prin-

<sup>33</sup> CERTEAU, Michel. *Artes de fazer. A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>34</sup> ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense Universitária/EDUSP, 1981.

principalmente, no discurso construído sobre a própria identidade: de um lado, acreditam que tinham direito a vida própria, a emprego e a profissão; de outro, julgam que serem boas mães é imprescindível para a formação dos filhos e buscam soluções alternativas para conciliar estas duas dimensões. Com a crescente participação da mulher no espaço público, nas últimas décadas do século XX, é possível observar que se agravaram as dificuldades com relação às escolhas e à conciliação entre dois papéis: ser mãe (vida privada) e profissional (vida pública).

Por participarem de dois espaços sociais dicotômicos (privado e público), sentiam-se culpadas por não acompanhar todos os momentos da vida de seus filhos. Na visão destas mulheres, a figura da mãe é insubstituível, por isso, às vezes, tinham sentimentos conflitantes. Elas aprenderam que ser mulher significava ser mãe, como tinham sido suas mães, e fazer opção diferente desta (em seus imaginários) resultou em desgastantes dúvidas sobre o que é certo e errado em suas vidas. Estas incertezas, em alguns momentos, foram motivos para se sentirem subjulgadas aos seus maridos, pois, para alguns, a criação dos filhos era papel designado à mulher.

De acordo com Mead<sup>35</sup>, as diferenças existentes entre os sexos são usadas como ponto de organização e formação da personalidade social. Pode-se dizer assim, que a cultura atribui, arbitrariamente, certos traços humanos às mulheres e aos homens. Por isso, algumas professoras perceberam que as próprias mulheres não atribuem aos seus maridos a responsabilidade pelo privado, julgando-as culpadas pela falta de mudanças.

A sociedade ocidental atribui à mulher uma imagem de alguém independente que deveria enfrentar o mercado de trabalho e se realizar profissionalmente, com atividades e desempenho em cargos paralelos aos dos homens. Por outro lado, esta mesma mulher não consegue se desprender da obrigação da vida privada, com os afazeres domésticos e do cuidar da família. Na maioria dos depoimentos, observou-se que existia a preocupação das professoras em alcançar o mesmo padrão de perfeição com o trabalho exercido por homens – padrão esse estabelecido

<sup>35</sup> MEAD, Margaret. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

pelo poder masculino – e, ao mesmo tempo, queriam atingir um padrão de desempenho em casa, como esposas e mães, levando em consideração os valores estabelecidos por mulheres fadadas exclusivamente ao mundo doméstico.

Com base nos dados coletados, é possível afirmar que seus ideais profissionais não estavam atrelados apenas à questão financeira, mas também à realização pessoal e profissional, numa tentativa de serem reconhecidas pela sociedade. Ao averiguar as relações de gênero e poder na universidade, percebemos que existiram várias formas de discriminação e preconceito no trabalho profissional desempenhado pelas professoras, que, até mesmo, variavam de acordo com as áreas do conhecimento. Para as professoras que cursaram as carreiras masculinas, estas relações aconteceram de forma mais explícita. Entretanto, uma análise das relações de poder na universidade remete, necessariamente, à questão das relações de poder na sociedade. Esta, geralmente, cria expectativas com relação a comportamentos e atitudes de ambos os sexos e relaciona o comportamento masculino como o que deve ter audácia, qualidade que fazer parte dos homens que são incentivados a terem vidas públicas. As conseqüências disto, para a mulher, estão fortemente associadas às desigualdades sociais e sexuais que conduzem ao fato da dominação masculina persistir, ainda que simbólica, em grande parte nas esferas acadêmicas. Talvez resida aí parte das explicações de existirem menos mulheres em altos cargos administrativos, mesmo que o número de professoras nas universidades esteja crescendo rapidamente. Identificamos por meio do seu depoimento que a preocupação da sua geração não era de estar trabalhando, mas preocupação com as conquistas nos espaços públicos e a independência financeira.

Scavone<sup>36</sup>, nos lembra, como muitos avanços já foram alcançados, e aguardamos que as novas gerações, que por nós estão sendo formadas, contribuam para dar mais um passo rumo à igualdade de gênero. A geração destas professoras sentiu necessidade de lutar por novas formas de poder, conquistar novos lugares; uma geração de mulheres que

<sup>36</sup> SCAVONE, Lucila. *Op. cit.*

aprendeu a renunciar e, agora, as novas gerações (como é o caso das filhas das professoras participantes) precisam apenas “cuidar” destes espaços, manter tudo isso vivo.

### Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. Gênero e Educação: algumas possibilidades investigativas. In: *Cenários – Revista do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Cultura e Desenvolvimento – GEICD*. Araraquara: Gráfica da FCL/UNESP/Ar, 1999.

APPLE, Michael W. Relações de classe e de gênero e modificações no processo do trabalho docente. *Caderno de Pesquisa*, 60, São Paulo, fev. 1987.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense Universitária/EDUSP, 1981.

AVELAR, Lúcia. Participação política da mulher: o conservadorismo político feminino. In: OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de (Org.). *Mulheres: da domesticidade à cidadania*. Brasília: Conselho nacional dos Direitos da Mulher, 1987.

BLAY, Eva Alternam. Um caminho ainda em construção: a igualdade de oportunidades para as mulheres. *Revista USP*, n. 49, mar./abr./maio, 2001.

BOURDIEU, Pierre *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CERTEAU, Michel. *Artes de fazer. A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

COMBRES, Daniele., HAICAULT, Monique Produção e reprodução. Relações Sociais de sexos e de classes e de classes. In: KARTCHEVSKY-BULPORT et al. (org). *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRACIANO, Marília. Aquisição de papéis sexuais na infância. *Cadernos de Pesquisa*, n. 25, jun, 1978.

MATTHAEI, Julie. *An economic history of women in America*. Nova Iorque: Schocken, 1993.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

OLIVEIRA, E. M. de. Gênero, saúde e trabalho: um olhar transversal. In: OLIVEIRA, E.M.; SCAVONE, L. (Org.). *Trabalho, saúde e gênero na era da globalização*. Goiânia: AB, 1997.

PASSOS, Elizete Silva. As políticas e os saberes: a construção do gênero nas universidades do Norte e Nordeste e as repercussões no campo social e político. In: FERREIRA, Mary; ÁLVARES, Maria Luiza M.; SANTOS, Eunice Ferreira dos (Org.). *Os saberes e os poderes das mulheres: a construção do gênero*. São Luís: EDUFMA/Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas: Mulher, Cidadania e Relações de Gênero; Salvador: REDOR, 2001.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RIERA, Joseph Maria; VALENCIANO, Elena. *Las mujeres de los 90*. El largo trayecto de las jóvenes hacia sua emancipación. Madrid: Morata, 1991.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROSEMBERG, Fulvia; PINTO, Regina Pahin; NEGRÃO, Esmeralda V. *A educação da mulher no Brasil*. São Paulo: Global, 1982.

ROSEMBERG, Fulvia, A Educação de mulheres jovens e adultas no Brasil. In: SAFFIOTI, Heleieth; VARGAS, Mônica Muñoz (Org.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: NIPAS; Brasília, DF: UNICEF, 1994.

ROZEK, M.; BERNARDES, N. M. G. Meninos com dificuldades escolares: aprendizagem, subjetividade e gênero. *Revista Educação*, Porto Alegre, n. 39, p. 107-134, set. 1999.

SCAVONE, Lucila. Paniel. *Jornal da Faculdade de Ciências e Letras*, UNESP de Araraquara, mar. 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: v.16, n. 2, 1990.

STREY, Marlene Neves. Mulher e trabalho. In: STREY, M. N.; Adriane Roso; Flora Bojunga Mattos; Graziela Werba (Org.). *Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

TOSCANO, M. *Estereótipos sexuais na educação: um manual para o educador*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.